

Bd Boom

a história aos quadrinhos

João Miguel Lameiras

Se entendermos a Banda Desenhada de Temática Histórica como aquela BD que tem como ponto de partida um determinado facto histórico, concreto e bem documentado, pode-se até dizer que o género nasceu em Portugal logo com Raphael Bordallo Pinheiro e os **Apontamentos sobre a Picaresca Viagem do Imperador do Rasilb pela Europa**, paródica reportagem da primeira visita do Imperador Pedro II do Brasil à Europa em 1871, muito justamente considerada como “a primeira história aos quadrinhos portuguesa”. Mas falta a esta banda desenhada de irónico comentário social, feita pela pena mortífera de um Raphael Bordallo Pinheiro ainda em início de carreira, um ano após os acontecimentos narrados, o necessário distanciamento temporal que se separa o comentário da actualidade da reflexão histórica.

Daí que só se possa falar com propriedade de BD de temática histórica em Portugal a partir dos anos 40/ 50 do século XX. Altura em que aquele que tem sido um dos géneros mais cultivados pelos autores portugueses, se constituiu como o principal campo de trabalho para os desenhadores de estilo realista que, em muitos casos construíram neste campo uma carreira de mais de quatro décadas. (...)

Na origem do invulgar desenvolvimento deste género temático em Portugal estará uma lei de 1950, as “Instruções sobre Literatura Infantil”, resultante da acção da “Comissão especial para a Literatura Juvenil e Infantil” de que faziam parte Adolfo Simões Muller e José de Oliveira Cosme, directores respectivamente do *Papagaio* e do *Mundo de Aventuras*, duas das principais publicações infanto-juvenis da época que, à semelhança do que acontecia também em França e nos EUA, com o “Comics Code” vinha doutrinar e disciplinar internamente o conteúdo e os níveis de violência na BD, que só relativamente aos feitos do passado podia ser representada, o que, na prática, condicionava grandemente a publicação de géneros de grande sucesso como as histórias policiais e de espionagem, ou os Westerns. (...)

Fernando Bento, que nas páginas do *Diabrete* adaptou as narrativas de carácter histórico-didáctico que Adolfo Simões Muller escreveu para a série **Histórias da nossa História**, conseguiu, graças ao dinamismo e à elegância do seu traço, tornar acessível aos jovens leitores esses acontecimentos, à semelhança do que faria mais tarde (nos inícios dos anos 50) com a vida de alguns ilustres vultos da nossa história, como Camões, Serpa Pinto, Nuno Álvares Pereira, S. João de Brito e Afonso de Albuquerque, cujas biografias Muller relatou na série **As Grandes Figuras de Portugal**, realizando, segundo João Ramalho Santos, um trabalho “de tal modo notável que consegue mesmo disfarçar a óbvia vontade do argumentista de introduzir (por vezes de uma maneira menos subtil) demasiada informação histó-

ca, de que a biografia de Camões é um bom exemplo”. (...)

Embora seja a partir da década de 50, nas páginas do *Cavaleiro Andante* e do *Camarada*, que a BD histórica conhece o seu momento de maior expansão, curiosamente (ou talvez não...) o ponto mais alto deste género, encontra-se em **O Caminho do Oriente**, história desenhada de forma magistral por E. T. Coelho em 1946, em que Raul Correia, tomando como ponto de partida o roteiro de Álvaro Velho da viagem de Vasco da Gama à Índia, relata a epopeia dos Descobrimentos do ponto de vista de Simão Infante, um grumete embarcado na armada que parte para a Índia e que, graças à sua vivacidade e irreverência, se tornou um dos heróis preferidos dos leitores de *O Mosquito*, em cujas páginas esta saga foi publicada entre Agosto de 1946 e Junho de 48. (...)

Discípulo de E. T. Coelho, com quem conviveu nos tempos áureos de *O Mosquito*, a carreira de José Ruy, marcada por um longo tirocínio feito nas páginas de revistas como *O Papagaio*, *O Mosquito*, *Cavaleiro Andante* e *Camarada*, acaba por apresentar mais paralelismos com a de José Garcês, outro autor da sua geração com quem compartilha o gosto pela banda desenhada histórica, género que irá marcar toda a sua carreira, como o provam histórias como **Os 200 inimigos do Condestável**, D. João de Castro e Fernão Mendes Pinto, esta última sobre a vida do autor da **Peregrinação**, obra que, tal como Garcês, José Ruy adaptou também à BD em 1959 e que refaria em finais dos anos 70, numa nova versão sem a fluidez da original.

Quando, durante a década de 80, as Edições Asa, uma das mais fortes editoras de livros escolares, apostaram em força na banda desenhada como complemento pedagógico, foram buscar os autores com maior experiência no género. José Ruy, que desde o início da sua carreira sempre se mostrou mais interessado na adaptação de textos literários e na biografia de pessoas ou acontecimentos históricos, do que em produzir obras de ficção, sentiu-se como “peixe na água” nesta conjuntura. E assim, depois de ter adaptado à banda desenhada **Os Lusíadas** e alguns autos de Gil Vicente decidiu conjugar o seu interesse pela época Quinhentista, tão do agrado da Comissão dos Descobrimentos, com a criação de um novo herói, Porto Bom Vento, que lhe permitisse contar a gesta dos Descobrimentos do ponto de vista da “arraia miúda”, na linha do já que tinha sido feito por E. T. Coelho e Raul Correia, nas décadas de 50 e 60, com **O Caminho do Oriente**, mas sem nunca conseguir alcançar o nível gráfico do seu mestre. (...)

José Garcês é outro nome que o leitor associa imediatamente à BD de temática história. Com uma vasta obra espalhada pelas páginas do *Mosquito*, *Camarada*, *Cavaleiro Andante*, *Papagaio*, *Lusitos*, *Titã*,

Modas e Bordados, *Tintin* e *Mundo de Aventuras*, Garcês esteve na primeira linha do ressurgimento deste género de BD na década de 80, sendo autor de um dos seus raros best-sellers, a ***História de Portugal em BD***, escrita pelo historiador A. Carmo Reis e que teve direito a uma edição francesa. Mais recentemente, Garcês associou-se com Mascarenhas Barreto, seu colaborador desde os tempos do *Camarada*, para adaptar à BD o polémico romance de Barreto, que defende que Cristovão Colombo era português e que trabalhou como agente secreto do Rei D. João II.

Mas Garcês foi apenas um dos muitos autores do *Camarada* que se dedicaram à BD histórica. Esta revista editada pela Mocidade Portuguesa, especialmente na sua 2ª série publicou histórias de desenhadores como José Ruy, José Antunes, Manuel Ferreira, Baptista Mendes, Victor Paiva. Merecem destaque o traço estilizado e modernista de Hernani Lopes e o estilo nervoso e fluido de Júlio Gil que, apesar de não ter feito BD histórica no *Camarada* é autor de algumas BDs histórico-didáticas inseridas em livros escolares. Mas o autor que mais se distinguiu, foi Carlos Alberto, que para além das várias histórias que assinou no *Camarada* e no *Mundo de Aventuras*, consagrou também aos episódios da nossa história em belíssimas ilustrações que deram origem a quadros e a várias colecções de cromos.

Também José Manuel Soares, que tinha igualmente formação como pintor, se dedicou a este campo, transpondo para a BD o romance ***A Ala dos Namorados*** de Campos Júnior, adaptado por Artur Varatojo, e o relato de Capelo e Ivens sobre a sua viagem de ***Angola à Contra-costa***. Duas adaptações em que é patente a beleza do seu traço clássico e o seu talento de retratista.

Vitor Péon, um dos mais prolíficos e dinâmicos desenhadores portugueses de sempre, já tinha feito BD histórica nos anos 50, com as histórias ***Reconquista de Angola*** e ***Os Heróis do Salado***, publicadas no *Mundo de Aventuras*. A ***Reconquista de Angola*** é mesmo considerada por João P. Boléo e Carlos B. Pinheiro como “um dos mais eloquentes exemplos da corrente histórica de aventuras”. É também Péon que em 1967, no 1º ano da edição portuguesa da revista *Tintin* asseguraria a única (e fugaz) presença portuguesa com histórias de temática histórica, interrompida ao fim de duas histórias por imposição do editor belga. Péon vai passar a dedicar-se quase em exclusivo a este género a partir do seu regresso definitivo a Portugal na década de 80. São dessa fase os álbuns ***Gesta Heróica*** e ***A Epopeia dos Descobrimentos Portugueses*** (livro ilustrado que daria origem a uma colecção de cromos), trabalhos em que o estilo tão característico da fase final de Péon está ao serviço de um argumento bem documentado, onde abundam os arcaísmos de linguagem.

Depois de um período de certa acalmia, vamos assistir nos inícios da década de 80 ressurgimento da BD histórica graças às várias comemorações promovidas pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. O concurso anual promovido por essa Comissão, ao assegurar um aliciante prémio pecuniário e a garantia de publicação para os vencedores, veio de alguma forma agitar um pouco as águas, levando a que autores mais jovens e com uma formação estética diferente, unidos apenas pela vontade de ver os seus trabalhos publicados, tentassem uma incursão nestes campos, como sucedeu, por exemplo, com Nuno Saraiva e Fernando Relvas. (...)

Apesar do seu grande à vontade nas histórias urbanas, Fernando Relvas, que confessou que gostaria de ter tirado o curso de História, também se sentiu atraído pela BD histórica. Por isso, não admira que ***O Umbral Lumioso***, o seu último trabalho para o Se7e seja uma

Esta louvável opção de privilegiar a "arraia miúda" nesta série de biografias em BD, encontrou no traço nervoso e personalizado de Relvas o suporte ideal

incursão pela BD de temática histórica, tal como acontece com ***O Rei dos Búzios***, uma aventura passada na época dos Descobrimentos e que foi parcialmente publicada na revista *Sábado* durante o ano de 1989. História que na altura ficou incompleta, mas que o autor terminou recentemente para o CD-rom distribuído juntamente com o nº 2 da revista *Bibliotecas*, da Câmara Municipal de Lisboa. E ainda bem que assim é, pois em termos gráficos e sobretudo cromáticos (Relvas faz milagres com os lápis de cera) é do melhor Relvas de sempre, sobretudo se comparada com uma história que fez para o jornal *Combate*, passada exactamente no mesmo período e em que o desenhador aborda o lado negro das Descobertas. (...)

Çufo, o álbum que lhe permitiu voltar outra vez à BD de temática histórica, mas agora com muito melhores resultados, foi um trabalho de encomenda, lançado em 1995 durante o 8º Salão do Porto, aproveitando uma exposição comemorativa dos vinte anos de carreira de Relvas. Na origem de ***Çufo*** está a vontade do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses de contribuir para um melhor conhecimento da expansão portuguesa através do papel desempenhado pelos cidadãos anónimos, protagonistas muitas vezes forçados e involuntários da gesta dos Descobrimentos. Esta louvável opção de privilegiar a "arraia miúda" nesta série de biografias em BD, encontrou no traço nervoso e personalizado de Relvas o suporte ideal. Relvas sempre preferiu para protagonistas das suas anti-epopeias, homens comuns que apenas se preocupam em sobreviver, como já era o caso de Vaz Taborda, o herói de ***Em Desgraça***, ou de ***Çufo***, um bracarense degredado para a Índia que será sucessivamente mercenário do Sultão de Bijapur, intermediário nas negociações com Afonso Albuquerque e soldado português. É a vida desta figura fascinante na sua humana ambiguidade, exemplo extremo da capacidade de adaptação dos portugueses, que Fernando Relvas vai contar de forma algo desgarrada, embora, em termos gráficos estejamos perante um dos seus melhores trabalhos, ao nível dos seus momentos mais altos na fase áurea do jornal Se7e. (...)

Quanto a Nuno Saraiva, que prefere nem falar da sua experiência no campo da BD histórica, em ***Os Dias de Bartolomeu*** procurou (e conseguiu) introduzir um toque de humor, perfeitamente adequado ao seu grafismo caricatural e que vinha aligeirar uma narrativa condicionada pelo rigor dos factos históricos. Mas esta associação a História e a BD humorística tentada por Nuno Saraiva, e de que a série ***Asterix*** de Uderzo e Goscinny é o mais célebre exemplo, já vem de trás.

O primeiro de um vasto grupo de filhos adoptivos de ***Asterix*** (há quem lhes chame mesmo bastardos...) em Portugal foi precisamente José Ruy, com ***Aventuras de quatro lusitanos e uma porca***, uma história escrita por Paulo Madeira Rodrigues. Seguiu-se Luís Correia, com a série ***As Aventuras de D. Paio e o Príncipezinho***, de que saíram dois álbuns no início da década de 70 e nesta série passada na época da conquista de Lisboa, detectamos a mesma utilização humorística dos anacronismos que é um dos segredos do sucesso de

Asterix, falta profundidade e sentido de movimento aos desenhos, que parecem ter sido coloridos com canetas de feltro. Mas o verdadeiro Asterix português é **Tónius, o Lusitano**, o pequeno herói de André e Tito, que acompanhado do seu amigo Chiccolindus (uma espécie de Obelix que prefere as trutas aos javalis...) combate anacronicamente os Árabes, chefiados por Muhamad Alivoujá. Apesar do sucesso da série, tanto em Portugal, como além-fronteiras, uma zanga entre os dois autores e a posterior morte de André inviabilizaram a continuação das aventuras de Tónius. (...)

Trabalho claramente de síntese didáctica, o álbum **Portugal 8 Séculos em BD** apresenta duas particularidades: a entrada da Porto Editora no campo da BD histórica, e a estreia em álbum de José Morim, um desenhador vindo dos fanzines, onde fazia histórias de temática ecológica, em que era visível a sua capacidade no tratamento das paisagens naturais. Neste álbum, em que a representação da figura humana assume um papel importantíssimo, Morim consegue disfarçar as suas dificuldades neste campo, graças a uma excelente aplicação da cor, da responsabilidade do seu irmão Sérgio, com quem voltou a colaborar em **O Defunto**, adaptação de um conto de Eça de Queirós, já anteriormente adaptado à BD por E. T. Coelho. Do mesmo modo, também **A Dama Pé de Cabra** de Alexandre Herculano foi alvo de duas diferentes adaptações, por parte de José Garcês e da dupla Augusto Trigo/Jaime Magalhães, sendo gritante o contraste entre a rigidez do traço, elegante mas estático, de Garcês e a dinâmica planificação de Trigo. Aliás, sempre em colaboração com Jorge Magalhães, Augusto Trigo tem um razoável *curriculum* neste campo em que, para além do mais antigo **Luz do Oriente**, avulta a série **Lendas de Portugal em BD**, de que saíram três álbuns e que se afirma como uma interessante e eficaz viagem à nossa identidade histórica através da adaptação à BD das mais conhecidas lendas do nosso imaginário popular. Caminho já trilhado por E.T. Coelho na célebre **Triologia das Mouras** e que o argumentista Jorge Magalhães prosseguiu na série **Contos Tradicionais Portugueses**, em quatro volumes organizados pela proveniência geográfica dos contos, nos quais trabalhou com uma série de desenhadores de estilos diversos, desde o jovem Ricardo Cabrita, aos veteranos como Catherine Labej, José Garcês, José Abrantes, Carlos Alberto Santos e Eugénio Silva. (...)

Também a mítica figura da Maria da Fonte teve direito ao papel de protagonista em duas edições recentes. Editado com o apoio da região de Turismo do Verde Minho o álbum de Carlos Tavares e José Macedo, aborda, num registo em que se misturam (mal) a história e a lenda, o movimento popular que ficou conhecido como a revolta da "Maria da Fonte". Os autores procuram enquadrar a Maria da Fonte, a quem dão uma existência real, no contexto político-social da regeneração. Intenção louvável, mas que não resulta, pela inexistência de uma intriga com interesse, que se sobreponha ao pano de fundo histórico e que permita "agarrar" o leitor. Salva-se o desenho de Carlos Tavares, que apesar dos problemas evidenciados nas cenas de acção, revela um traço personalizado e de grande suavidade e elegância. O mesmo tema é abordado em **A Revolução da Maria da Fonte**, álbum de Domingos Silva e Dino de Sousa, editado pela Câmara Municipal da Póvoa do Lanhoso que, apesar do grande formato e das cores suaves é afectado pelos mesmos problemas narrativos patentes no álbum de Tavares e Macedo. (...)

Conforme se avança na História, vai diminuindo a quantidade de BD's sobre o tema. E sobre os primeiros anos do século XX apenas temos os álbuns que José Ruy dedicou à implantação da República e ao Caso Alves dos Reis, sem contar com adaptação feita por Jorge Magalhães e Rui Lacas da peça **Maldita Cocaína**, de Filipe La Féria, que se assumia como um retrato do Portugal dos anos 20. Quanto

ao Estado Novo, ao contrário do que acontece na literatura, tem sido praticamente ignorado pela BD portuguesa, se exceptuarmos a forma conseguida como Miguel Rocha evoca o ambiente cinzento e opressivo da época, em **As Pombinhas do Sr. Leitão**, uma história de ficção, sem grandes preocupações histórico-didácticas.

Pelo contrário, o problema da guerra colonial foi tratado com um certo destaque pela banda desenhada, quer antes, quer depois do 25 de Abril de 1974, conforme ficou provado pelas investigações motivadas pela Exposição **Uma Revolução Desenhada: O 25 de Abril e a BD**. O teatro de guerra e os feitos heróicos dos militares portugueses eram o tema mais recorrente nas abordagens anteriores a 74, bem representadas por **O Erceira**, uma história de 2 páginas de Baptista Mendes, publicada na *Revista da Armada*, baseada em factos reais, mas tratados de forma heróica e apologética. Curiosamente, a mesma perspectiva maniqueista é usada em **Mamassuma: Comandos ao Ataque**, de Vassalo Miranda, que, apesar das aparências foi desenhada em 76 e editada em 77 na *Colecção África*, da Ultrapresse. Miranda voltaria à Guerra Colonial e aos comandos em 1990 e 1995, com **Operação Trovão**, com argumento de Apoim Calvão e **Operação Gata Brava**, em que o mesmo Apoim Calvão e o General Spino-la são protagonistas.

Ex-militar e especialista em BD de guerra e de aventuras, com várias histórias publicadas na 5ª série do *Mundo de Aventuras*, durante os anos 80, Vassalo Miranda mantém-se coerente nas histórias que ilustra, em que critica abertamente a política de descolonização portuguesa, considerando que os movimentos de libertação africanos estavam a ser manobrados pelas grandes potências.

Se estas histórias realçam o lado heróico da guerra, elas são um pouco um caso isolado dentro da produção bedéfila portuguesa pós-25 Abril, bem simbolizada pela revista *Visão*. Logo na capa do 1º nº, surge uma imagem de **Matei-o a 24**, história de Victor Mesquita com argumento de Machado da Graça, em que são relatados os problemas de adaptação de um ex-combatente na Guiné à vida civil. Embora a história tenha ficado incompleta, as poucas páginas publicadas foram suficientes para perceber que estávamos perante uma excelente história, que tratava de forma realista os horrores da guerra e o modo como a lógica fria dos exércitos se sobrepunha à solidariedade entre seres humanos. Outro exemplo de uma abordagem semelhante na desmontagem do lado heróico da guerra, é a de Pedro Massano, em **Angola 1971**, história publicada no nº 7 da revista *Visão*, que relata o caso verídico de um militar português que abate por engano uma mulher e uma criança negras, por as ter confundido com o inimigo.

Encontramos a mesma visão pacifista em **7-72** de Diniz Connefrey, história publicada no nº 2 da revista *Azul BD3*, e que é uma adaptação de **A Patrulha**, um conto do escritor moçambicano de origem portuguesa A. Carneiro Gonçalves, escrito em 1973 mas só publicado postumamente em 1975.

Quanto ao 25 de Abril, se descontarmos uma história de duas páginas de Victor Mesquita sobre esta data histórica, incluída num álbum de luxo editado em França em 1984 pelo Banco Pinto e Sotto Mayor,

O problema da guerra colonial foi tratado com um certo destaque pela banda desenhada, quer antes, quer depois do 25 de Abril de 1974, conforme ficou provado pelas investigações motivadas pela Exposição Uma Revolução Desenhada: O 25 de Abril e a BD

a tira 25 de Abril: *Réquiem por uma Ditadura*, realizada por Jobat em 1975 para o jornal *Diário Popular* e o caso singularíssimo de *O País dos Cágados* de Artur Correia e António Gomes de Almeida, que consistiu num irónico e algo desiludido retrato alegórico de Portugal antes e depois de Abril num registo de “funny animals” esteticamente próximo das histórias dos Estudos Disney, será preciso esperar pelas comemorações dos 25 anos do 25 de Abril para que os autores portugueses tratem o tema com o destaque que merece.

E, agora que essas comemorações chegaram ao fim, pode dizer-se que quase todos os autores portugueses deram o seu contributo, integrando com histórias inéditas projectos colectivos, como a mostra *Visões de Abril*, que serviu de complemento à exposição *Uma Revolução Desenhada: O 25 de Abril*, ou o projecto (coordenado pelo desenhador Nuno Saraiva e integrado na mostra *Liberdade e Cidadania: 100 Anos Portugueses*) *25 de abril, 25 Anos, 25 BDs* que o jornal *Público* acolheu nas suas páginas entre Abril de 1999 e Janeiro de 2000. Para além destas obras colectivas, preenchidas por curtas colaborações, outras obras de fôlego aproveitaram as comemorações dos 25 anos da Revolução, desde o correcto *Salgueiro Maia* de António Martins, ao fraquíssimo *25 de Abril, O Renascer da Esperança*, de Manuel de Sousa e Ernesto Neves, para já não falar da estreia de José Carlos Fernandes no campo histórico-didáctico com *A Revolução Interior: à procura do 25 de Abril*, ilustrando um argumento de João Ramalho Santos e João Miguel Lameiras. (...)

A História, o belíssimo trabalho de Maria João Worm (...), termina com a seguinte frase: “existem apenas contadores de histórias, contadores possíveis, factos soltos e lendas pessoais. As histórias é que não acabam no tempo de quem as conta...” Assim é. E este breve percurso pela BD histórica portuguesa prova que ainda muito há a contar e ainda mais maneiras de o fazer. De ajudar a contar nas histórias aos quadrinhos a História deste rectângulo à beira-mar plantado...

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BOLÉO, Joao P., PINHEIRO, Carlos B. – *A Banda Desenhada Portuguesa: Anos 40-anos 80*. (catálogo da Exposição), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- DEUS, António Dias – *O Caminho do Oriente*, Lisboa, Universitas Gratiae, 1996.
- *Os Comics em Portugal: Uma história da banda desenhada*, Lisboa, Cotovia/Bedeteca de Lisboa, 1997.
- GRANJA, Cecília – “As imagens da Banda Desenhada e o ensino da História”, *Actas do Primeiro Encontro sobre o Ensino da História*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- LAMEIRAS, João Miguel; BOLÉO, João P. Paiva; SANTOS, João Ramalho – *Uma Revolução Desenhada: O 25 de Abril e a BD* (Catálogo da Exposição), Porto, Edições Afrontamento/Bedeteca de Lisboa, 1999.
- MAGALHÃES, Jorge – “A História de Portugal em Banda Desenhada”, *Cadernos da BD* n.º, Lisboa, 1987.
- SÁ, Leonardo De; DEUS, António Dias de – *Dicionário dos autores de Banda Desenhada e Cartoon em Portugal*, Amadora, Edições Época d’Ouro/CNBDI, 1999.
- SANTOS, João Ramalho – “Insatisfação permanente: O teatro em imagens de Fernando Bento”, *Nemo* n.º 28 (II Série), Póvoa do Varzim, Edições EMECÉ, Dez. 1997.
- VÁRIOS AUTORES – *História da BD publicada em Portugal* (2ª parte), Costa da Caparica, Edições Época d’Ouro, 1996.
- ZINK, Rui – *Literatura Gráfica? Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Celta, 1999.



Maria João Worm
A História
Bedeteca de Lisboa, 1999